



RELATOS

RESUMO

A formação do profissional de arquitetura e urbanismo inclui, além de seu preparo técnico, a percepção da amplitude de sua atuação na sociedade a qual pertence, muito mais como um membro que partilha de relevantes e decisivas responsabilidades no desenvolvimento social que um agente destacado em posição privilegiada. Desta forma, ao cursar a disciplina Projeto e Atendimento Comunitário (PAC), somos levados ao exercício deste papel, numa condição mais sensível e de identidade com a problemática no campo da arquitetura ou do urbanismo a ser enfrentado. Um breve relato analítico será abordado neste artigo, tratando da vivência experimentada ainda na academia pelas autoras, traçando o elo comum do exercício da arquitetura e do urbanismo ao usuário dos segmentos mais desfavorecidos da sociedade. Ao final, são tecidas considerações pessoais sobre o desenvolvimento dos trabalhos e as expectativas geradas no grupo¹, com as sugestões para a efetivação do Atendimento Comunitário.

PROJETO DE ACOMPANHAMENTO COMUNITÁRIO (PAC):
ARQUITETURA E URBANISMO EM DIFERENTES ESCALAS
Ana Paula da Silva | Ana Paula Mitsuê | Alunas do CAU/UCB

INTRODUÇÃO

A formação do arquiteto e urbanista tem a tônica de preparar o estudante para o exercício profissional de conceber edifícios e cidades, cômicos do seu papel de agente social, na medida em que a sua atuação tem interferência direta e significativa na forma que as pessoas vivem e como usufruem dos espaços construídos ou ambientalmente modificados.

A disciplina Projeto e Acompanhamento Comunitário (PAC), muito particularmente, se propõe a fazer na vida acadêmica este exercício de sensibilização do estudante para a sua contribuição e o seu papel na sociedade. Trazer para o olhar do estudante o que está ao efetivo alcance de suas habilidades nos traz para o mundo das realizações palpáveis e sobretudo das mais necessárias.

Assim, apresentar propostas tanto para a arquitetura quanto para o urbanismo, partindo da escala do indivíduo para a comunidade, nos impregna o espírito de ideais, mas também de força de vontade de ação, na medida que tanto num caso quanto no outro, nós nos identificamos como parte do meio social, em que as necessidades, anseios, preferências, hábitos, costumes, culturas, são todos compartilhados e trazem seu elo comum na essência do ser humano.

Como estudantes de arquitetura, acreditamos que somos agentes de transformação social e que devemos buscar melhorar a qualidade de vida das pessoas por meio do

ambiente construído. Seja em um projeto urbano ou um projeto arquitetônico, nos preocupamos com os impactos positivos que os nossos projetos poderão causar à sociedade. Devemos, portanto, construir cidades e espaços belos, sustentáveis, seguros, confortáveis, mas a cima de tudo, acessíveis.

OS PROJETOS

Escala Arquitetônica: o caráter social da habitação

Lar doce lar

Em função das dificuldades que os brasileiros têm em adquirir a casa própria, quando esta é conquistada, geralmente passa a ser para a vida toda, sejam quais forem as condições da casa. Isso ocorre principalmente entre as classes menos favorecidas e entre os idosos que passam a ter um vínculo maior com a moradia.

Arquitetura para Todos

O arquiteto deve conceber uma arquitetura viável e que considere que os moradores envelhecerão naquele ambiente, construindo assim algo adaptável às possíveis mudanças de necessidades desses moradores.

Seja pela velhice ou pela possibilidade de se tornar deficiente, a arquitetura deve garantir que todos os ambientes sejam apropriados para qualquer realidade dos habitantes do local, dando aos moradores autonomia e independência dentro de sua residência. Certamente, este é um grande desafio a ser alcançado.

Outro “tabu” a ser vencido é de que “arquitetura é pra rico”. Seja rico ou seja pobre, todos têm direito de morar com qualidade de vida. Outro grande desafio, portanto, é criarmos projetos viáveis economicamente, o que implica em dizer que para se fazer uma arquitetura de qualidade, não necessariamente precisa ser cara ou usar tecnologias avançadas.

Fazer muito com Pouco

A experiência que a disciplina de PAC nos proporcionou é que podemos e devemos sim fazer arquitetura inclusiva. A falta de orientação profissional adequada na realização de um simples projeto habitacional influencia diretamente na qualidade de vida do morador.

O primeiro projeto realizado na disciplina tinha como objetivo verificar a importância social do arquiteto em uma escala micro. A ideia era melhorar um ambiente já construído de uma residência em péssimas condições, fazendo o mínimo de interferência possível, mas trazendo aos moradores daquele lar um pouco mais de conforto. A casa em questão é oriunda de um modelo tipo célula habitacional e, embora tenha sido executada a partir de

um programa de habitação social do GDF há quase 30 anos, ainda conserva muito das suas condições iniciais, especialmente quanto ao acabamento. Atualmente, a residência não oferece condições adequadas às necessidades de sua moradora, principalmente nos aspectos referentes à sua saúde. Portanto tínhamos um grande desafio pela frente.

Nossa cliente

Dona Geralda é uma senhora muito simpática, de 73 anos, que mora no local há mais de 30 anos. Possui pouca escolaridade, renda mensal em torno de mil reais e alguns problemas de saúde que prejudicam a sua mobilidade. Ela mora na parte posterior da casa e aluga a frente ao mesmo inquilino a mais de 10 anos.

A Casa

Os materiais predominantes são paredes de tijolos cerâmicos, sem nenhuma estrutura, possuindo reboco apenas na parte interna da casa. O telhado é feito com estrutura de madeira e telhas de fibrocimento. As esquadrias são de ferro. O piso interno de cimento queimado e o externo de cimento grosso.

Ambientes:

A casa é dividida em duas partes:

- Parte Posterior: é constituída por um depósito sem nenhuma ventilação. A sala pouco iluminada e sem muita ventilação, possui uma única janela pouco eficiente. A cozinha não possui iluminação elétrica, o que dificulta o uso durante a noite. O banheiro encontra-se próximo a cozinha, não possui cerâmicas no piso ou nas paredes, deixando o ambiente muito úmido e mofado. Não existe separação da área do banho e da bacia sanitária. A área de serviço fica no corredor e está desprotegida do sol e da chuva.

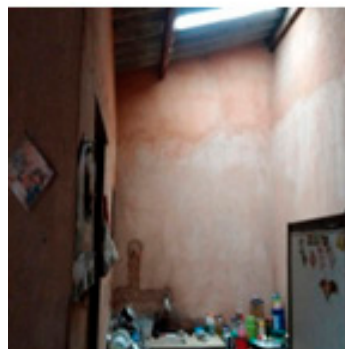


Fig 37 - Cômodos da casa . Fotos: As autoras.

Fig 38 - Planta baixa, parte posterior. Fonte: As autoras.



Parte Frontal: Possui um depósito com acesso independente. A parte onde o inquilino mora possui um único cômodo com pouca iluminação e ventilação. Assim como na casa da Dona Geralda, as questões de higiene são precárias. O acesso ao banheiro se dá pelo lado externo, que também se encontra em péssimas condições.



Fig 39 - Cozinha e corredor externo. Fonte: As autoras.

82

DIAGNÓSTICO

Dona Geralda enfrenta na casa vários problemas que prejudicam a sua saúde e seu conforto, dentre os quais podemos citar o acúmulo de objetos e sujeira por todos os cômodos da casa, dificultando a circulação pelos ambientes e prejudicando a salubridade do local. Os batentes, por serem altos, dificultam a mobilidade da moradora que sofre de problemas de articulação. No banheiro não tem descarga, além da pouca iluminação e ventilação. O telhado de fibrocimento possui vazamento, as esquadrias estão com defeitos, etc.

Soluções Imediatas

A solução mais imediata foi a compra e instalação da descarga do banheiro que há dois anos não estava funcionando. A

segunda ação foi um mutirão de mais de 8 horas de trabalho, convocando família e amigos para limpeza e reorganização da casa da Dona Geralda. Essa, sem dúvida, foi a experiência mais emocionante que realizamos, ao vermos a casa limpa e organizada e o sorriso de gratidão da Dona Geralda. Todo o cansaço valeu a pena. Criamos ainda grupos de apoio para arrecadarmos o máximo dos materiais necessários para a realização da obra, bem como a mão de obra necessária para a realização do projeto.

Fig 40 - Planta baixa, parte frontal. Fonte: As autoras.





Fig 41 - Mutirão da limpeza. Fonte: As autoras.

Diretrizes Gerais do Projeto

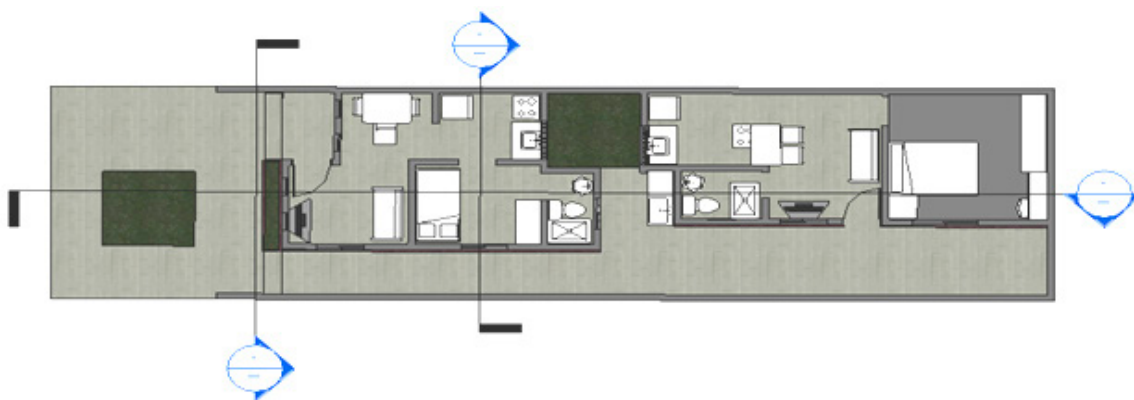
O desafio na elaboração do projeto era conseguirmos preservar ao máximo as condições estruturais da edificação, minimizando as demolições das paredes com objetivo de não afetar a sua estabilidade e diminuir os custos. Nos propomos também a resolver os principais problemas de iluminação e ventilação, trazendo maior conforto possível para dentro da casa. Buscamos utilizar soluções alternativas com materiais de reaproveitamento.

Diretrizes específicas:

Compartimentação: A ideia é melhorar a relação entre os ambientes internos, trazendo maior conforto para os moradores e ajudando a valorizar o imóvel. Na casa da frente, organizamos o layout priorizando a privacidade do quarto, além disso, redirecionamos o acesso ao banheiro por dentro da casa. Na casa dos fundos, conseguimos manter a mesma configuração, alterando apenas a porta do banheiro para que o acesso se desse pela sala, e não mais pela cozinha. Também reposicionamos a porta da frente.

Ventilação e Iluminação: As maiores alterações foram feitas para que se pudesse aumentar a aeração com ampliação dos vãos de janela. Criamos ainda ventilação cruzada, colocando um fosso no centro da edificação e aplicação de cobogós voltados para essa área aberta.

O maior dos desejos: Um dos prazeres da moradora é sentar-se na improvisada varanda para observar o movimento da rua, tendo sido o seu desejo mais manifesto, que sua "casa tivesse uma frente bem bonita". Para atender a este desejo em particular, mantendo basicamente a configuração original e atual da casa, foram adotadas soluções simples e de baixo custo para que o visual se tornasse aprazível e aconchegante, haja vista ser este o local que a senhora solitária mais interage com a vizinhança e os transeuntes. Optou-se por um pergolado de pau-de-escoira, pela mudança das esquadrias e pela confecção de dois pequenos jardins: um seco com forração em pedras e ornamentos artificiais em função da dificuldade de manutenção das plantas naturais, e uma pequena área permeável com forração em



grama e um arbusto natural, também de baixa e fácil manutenção. As cores vivas da fachada foram propositadamente determinadas para ser chamativa e atraente, além de vibrante e convidativa. Afinal, ali é o lugar especial da D. Geralda!



Fig 45 - Fachada atual e fachada proposta. Fonte: As autoras.

86

A lateral da casa, que hoje não tem acabamento externo nas vedações, teria aplicação de textura e de um barrado de tijolos, impermeabilizado para conter a infiltração e, ainda na parte do muro do vizinho, seriam colocadas plantas ou uma pequena horta que a D. Geralda pudesse dar manutenção em pé e sem sacrifícios às suas dificuldades motoras.



Fig 45 - Proposta para fachada lateral. Fonte: As autoras.

O projeto ao final foi apresentado para a cliente, que ficou muito satisfeita com o resultado da proposta. O grupo de trabalho organizou nas redes sociais uma forma de arrecadar sobras de materiais e móveis que pudessem ser úteis e aplicáveis à reforma. O resultado é que alguns materiais já foram doados e entregues para a Dona Geralda. Foi estudada a viabilidade para fornecimento de mão-de-obra por uma empresa que faz treinamento de pessoas no ramo da construção civil. Com isso, o projeto apresentou-se bastante exequível, tanto do ponto de vista econômico quanto dos procedimentos.

Uma das grandes expectativas a partir da conclusão dos trabalhos nesta escala residencial é que este projeto se materialize. O grupo se dispôs a oferecer uma atenção à D. Geralda em outros aspectos, especialmente em relação a sua comprometida habilidade motora, mas também vem buscando meios e oportunidades para que os anseios tanto da cliente, quanto dos futuros profissionais sejam, conforme o jargão, concretizados.

Escala Urbana: o caráter social do espaço público.

Transpor a experiência de atuação na escala da habitação unifamiliar para escala urbana com a composição de um espaço de uso público, mantendo a interação com extrato social tão desfavorecido quanto do primeiro exercício, foi a segunda etapa do desenvolvimento da disciplina PAC. Porém, a experiência consistiria em se propor uma intervenção no espaço públi-

co em que se efetivasse a participação e a aprovação da comunidade do local.

Foram apresentadas áreas com real necessidade de propostas de requalificação, revitalização, reforma ou criação de elementos urbanos e equipamentos públicos comunitários na Região Administrativa de Ceilândia-DF. Todos os espaços apresentavam, em maior ou menor proporção, algum relativo ou significativo grau de deterioração, incluindo depredação de mobiliários, depósitos irregulares de lixo e resíduos sólidos de diversas naturezas, degradação ambiental, resultando em locais insalubres, desconfortáveis, inapropriados à permanência e ao convívio, quando não eram ainda espaços destituídos de qualquer elemento urbano.

Dentre as oito áreas destacadas para o trabalho urbanístico junto às comunidades em Ceilândia, a QNR 02 é a mais distanciada do centro da cidade e faz parte de um dos programas de assentamento de população de baixa renda na virada das décadas de 1990/2000, que se encontra em situação precária em muitos aspectos na questão uso de espaço público. Tendo sido estes alguns dos critérios para a escolha da área, a proposta de intervenção envolveu a praça existente e a área especial, destinada a implantação de equipamento público comunitário (E.P.C.), vulgarmente conhecida pelos moradores como “quadradão”.



Fig 46 - Ceilândia e QNR 01. Fonte: Google Maps.

MAPEANDO A ÁREA DE INTERVENÇÃO

Assumindo a terminologia dada pelos moradores, o “quadradão” da QNR 02 é um espaço, digamos, bipartido: de um lado está a área livre destinada ao E.P.C. e do outro a pretensa “praça”, que desde a constituição da quadra, conta com alguns equipamentos de lazer, como quadra de esporte, parque infantil e Ponto de Encontro Comunitário (PEC).

Apesar de já contar com infraestrutura urbana executada, a região apresenta aspecto de pouco desenvolvimento dadas as condições que se encontram muitas das instalações: a pavimentação está danificada, não há arborização e calçadas que atendam aos requisitos de acessibilidade. Alguns depósitos de entulho e lixo são constituídos em áreas residuais e os poucos equipamentos que estão instalados já sofreram desgaste e degradação consideráveis.

Na praça, os mobiliários e os equipamentos de lazer apresentam alto grau de deterioração e não há tratamento paisagísti-

co envolvendo os espaços de circulação, inclusive sendo perceptível o grande desconforto térmico causado pela falta de sombreamento.

Levantando o contexto socioeconômico e as expectativas, e descrevendo a problemática

A população das quadras QNR originalmente eram pessoas que ocuparam a área a partir de um programa de concessão de área para habitação popular. Este programa visava, à época, tanto a remoção de pessoas de invasões quanto ao benefício de moradia às pessoas que atendiam aos requisitos da antiga Sociedade de Habitação e Interesse Social (SHIS). Portanto, as pessoas que ali se instalaram provieram ou de situações de risco e irregularidade fundiária, ou de pessoas a margem do mercado imobiliário convencional por sua incapacidade econômica de adquirir um imóvel no Distrito Federal.

Os “assentados” como eram denominados os que “recebiam lotes” nessas condições, promoveram algumas modifi-



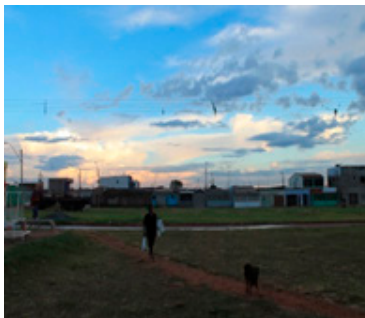


Fig 47 - Vistas da praça. Fonte: As autoras.

cações e evoluíram os padrões residenciais, enquanto outras permaneceram em condições precárias. Desta forma, o aspecto geral das quadras do setor QNR, evidencia um agrupamento de pessoas com baixo poder aquisitivo, e que não receberam, por parte dos governos ao longo do tempo, grande atenção para o desenvolvimento da região como um todo. Lá se configura uma ocupação eminentemente residencial, não tendo sido observados espaços para a constituição do comércio ou outras atividades de geração de emprego e renda no local, sendo isto um agravante para a dinamização e desenvolvimento da população. Com isso, focando a utilização do “quadradão” pelos moradores, além de ser um espaço urbano pouco aprazível e agregador, é tido como um local “desperdiçado”, inseguro e descuidado.

Em entrevistas realizadas in loco com os moradores, constatou-se que esta sensação de abandono por parte do poder público é bem acentuada. Muitos demonstraram desconfiança e incredulidade na possibilidade de uma proposta urbana a partir da consulta aos interesses e necessidades deles. Entretanto, foi possível observar certa unanimidade nas expectativas

para investimentos no “quadradão”, especialmente os que fossem voltados para a saúde, para a segurança, a educação e o lazer. Surgiram então dentre as opiniões, sugestões para os equipamentos posto de saúde, posto policial e creche, como as mais relevantes nesta ordem.

Compondo uma proposta a partir do levantamento de programa de necessidades

Dentre as três principais reivindicações dos moradores para a área, a solução que envolvia uma creche para integrar o espaço foi a que se apresentou mais viável. Isto porque, nas proximidades, estava identificada a idealização da construção de Unidade de Pronto Atendimento (UPA), e a experiência com um posto policial que havia nas proximidades não foi bem-sucedida. O que chamou a atenção nas falas dos moradores é que na região haviam muitas crianças deixadas ao longo do dia pelos pais, que saíam a trabalho, ficando soltas nas ruas e sem opção de lazer e cuidados.

Com essa descrição latente, a proposta de intervenção no local partiu para a exploração deste potencial em benefício

das famílias e das crianças. O programa de necessidades, de forma simplificada, procurou contemplar as necessidades tanto de abrigo dos menores numa instituição própria, a creche, quanto promover um espaço mais confortável, acolhedor e que reunisse as pessoas em diversas faixas etárias para interação e convívio social. O “quadradão” que já é cortado por via local, recebeu o tratamento da seguinte forma: Espaço 1 para a praça, que manteria os equipamentos de lazer já instalados, porém reformados, e com a circulação das pessoas melhor resolvida; Espaço Central, que seria a interrupção da circulação pela via local para integração das duas áreas, de forma a torná-la efetivamente um elemento interligado, resgatando a prática da “Rua do Lazer”; e o Espaço 2, que seria ocupado pela creche do modelo padrão da Secretaria de Educação, servida pela horta e pomar comunitário.

Desenvolvendo a proposta e apresentando à comunidade e à Administração Regional de Ceilândia

O princípio norteador de toda a proposta é que as intervenções no espaço público, sobretudo, aproveitassem toda a infraestrutura e equipamentos já dispostos no local, inclusive fazendo com que a Rua do Lazer aproveitasse a pavimentação existente e que sofresse bloqueio de tráfego reversível. A inovação buscada para esta configuração é que os elementos implantados fossem apropriados pela comunidade, especialmente no quesito manutenção e conservação. Assim, priorizou-se a utilização de materiais alternativos para a confecção da horta e dos pomares; a mudança de uso, mas com preservação da estrutura no caso da quadra de esportes, e que o paisagismo tornasse o ambiente mais agradável e

SETOR	AMBIENTE	QNTD.	ÁREA m²	MOBILIÁRIO
Espaço 1	Playground	1	275	Brinquedos infantis
	Parque lúdico	1	160	Amarelinha, etc.
	Biblioteca itinerante	1	80	Mobiliário de autofabricação
	Espaços de convivência	1	5270	Mobiliário urbano
	Academica comunitária	1	100	
	PEC	1	100	
Espaço central	Rua de lazer	1	350	
Espaço 2	Horta comunitária	1	250	Canteiros por autofabricação
	Pomar comunitário	1	130	
	Creche	1	1320	

Tabela 1 - Programa de necessidades simplificado. Fonte: As autoras.

confortável à circulação e permanência das pessoas.

A apresentação da proposta e a avaliação técnica pela equipe da Diretoria de Obras da Administração Regional de Ceilândia ocorreram em local e dia distintos. A primeira no Auditório da Sede da Administração em 18/05/2016 e segunda na Diretoria de Obras em 25/05/2016. Tanto em uma quanto na outra ocasião, o projeto do Espaço Vivencial da QNR foi muito bem aceito pela comunidade e não sofreu qualquer solicitação de modificação pela equipe da Administração.

A apresentação da proposta e a avaliação técnica pela equipe da Diretoria de Obras da Administração Regional de Ceilândia ocorreram em local e dia distintos. A primeira no Auditório da Sede da Administração em 18/05/2016 e segunda na Diretoria de Obras em 25/05/2016. Tanto em uma quanto na outra ocasião, o projeto do Espaço Vivencial da QNR foi muito bem aceito pela comunidade e não sofreu qualquer solicitação de modificação pela equipe da Administração.

A partir de então, a proposta foi finalizada com o anteprojeto mais detalhado, inclusive com a concepção de mobiliários urbanos. A biblioteca pública comunitária foi objeto de destaque, que além de pretender versatilidade para o uso do edifício, se propõe a oferecer um ambiente ade-



Fig 48 - Proposta esquemática. Fonte: As autoras.

PROPOSTA:

ESPAÇO VIVENCIAL DA QNR
(ENUMERAR OS ESPAÇOS NA PLANTA)

- 1 - ÁREA DESTINADA À CRECHE
- 2 - HORTA COMUNITÁRIA
- 3 - POMAR COMUNITÁRIO
- 4 - PARQUE LÚDICO
- 5 - BIBLIOTECA INFANTIL
- 6 - PRAÇAS DE CONVIVÊNCIA
- 7 - RUA DE LAZER
- 8 - PONTO DE ENCONTRO COMUNITÁRIO (P.E.C.)
- 9 - PARQUE INFANTIL



Fig 49 - Apresentação da proposta à Administração de Ceilândia. Fonte: As autoras.



Fig 50 - Imagens ilustrativas da proposta. Fonte: As autoras.

quando ao acervo de uma biblioteca itinerante, bem como um espaço para usufruto das crianças juntamente com o parque lúdico, redefinindo o uso da quadra de esportes para uma clientela mais ampla e diversificada.

O projeto foi concluído e apresentado com todos desenhos técnicos especificados pelo roteiro da disciplina e serão oportunamente oferecidos os desenhos humanizados à comunidade, a fim de subsidiar futuros pleitos de intervenção no “quadradão”.

CONCLUSÃO

EMPATIA e ALTERIDADE, esses dois conceitos trabalhados também na academia, lá no seu início na disciplina Introdução ao Ensino Superior (IES), são a melhor tradução do primeiro resultado das experiências vivenciadas em PAC. O primeiro conceito consiste em tentar compreender sentimentos e emoções de outra pessoa caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela, de forma objetiva e racional. O segundo implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes. Com certeza essa a grande reflexão e aprendizado

pessoais dos convívios, das pesquisas, da elaboração dos projetos, na condição do exercício profissional: somos pessoas lidando com pessoas.

Essa simbiose do que somos e do que promovemos com o que são os outros e com o que esperam de nós é, com certeza, o mote do papel social a ser exercido por todas as profissões e não seria diferente na arquitetura e no urbanismo.

Transpor essa vivência para o dia a dia da conquista do pão, sob as ordens, as condicionantes e muito especialmente o conflito de interesses, estes sim vai ser o desafio de cada estudante ao transpor o limiar da vida acadêmica para a vida profissional. E este embate não precisa necessariamente ser sentido somente quando o diploma já está na parede. Ainda agora já podemos sentir esta luta, e a nossa postura de superação ou acomodação é que vai fazer a diferença do quanto esta experiência de empatia e alteridade realmente nos afetou em nossos propósitos pessoais e profissionais.

Nas duas situações vivenciadas, ficou aquele gostinho do quero mais... qual vai ser o fim da história? Plantamos um pé de rosa e não sabemos qual é a cor da flor. Ficamos com a camisa suada e não vimos o resultado final. Não lamentamos! Afinal, compreensível que esta seja uma situação experimental, ainda uma atividade acadêmica. Mas, nós que suamos perguntamos: precisa ser assim? Não poderíamos institucionalmente, nas universidades, nos órgãos públicos, nas entidades sem

fins lucrativos, nos órgãos de classe, enfim nos seguimentos sociais e legalmente constituídos, ter não apenas o “gostinho”, mas a inteira degustação de poder ver o nosso potencial aproveitado? São dilemas que em nada invalidam a proposta dos exercícios, pautadas inclusive na ementa da disciplina. Mas, ao encerrar esta etapa, tão próximos que estamos de cair na vida real, muito proveitosa e mais ainda estimulante seria se contássemos com essas oportunidades de ver que cumprimos o nosso papel, o objetivo foi alcançado.

Assim, a conclusão é no sentido de que tendo sido burlados com a vontade de trabalho, busquemos, tanto quanto nos sejam oferecidos, os meios de efetivação do Projeto e Acompanhamento Comunitário, sendo este um excelente campo de pesquisa, inclusive na extensão; uma ótima oportunidade aos órgãos públicos de oxigenar as suas ideias e propostas, e oferecer às comunidades os profissionais que, no decorrer da sua formação já estejam com seus problemas; e a aproximação de todos os outros segmentos da sociedade civil organizada com a resolução conjunta de atacar e resolver os intrincados problemas que vivenciamos por meio do exercício da boa arquitetura e urbanismo consciente.

Parabéns à disciplina PAC, esta marca pode e deve ser indelével. Que sejam duradouros os seus frutos e que as novas experiências, propiciadas a todos os alunos, sejam cada vez mais profundas e proveitosas.